

Nove caminhos para o progresso

O Distrito Federal pegou o trem para o futuro e descobriu que o percurso é enorme. Isso é investimento, que se traduz em emprego e renda

Ana Helena Paixão

Os caminhos para o desenvolvimento econômico do Distrito Federal apontam em nove direções. Móveis, vestuário, tecnologia da informação, construção civil, agricultura orgânica, flores e plantas, panificação, editorial/gráfica e turismo são as atividades econômicas locais com maior capacidade de atrair investimentos, gerando emprego e renda nos próximos anos.

É esse o cenário traçado pelo *Perfil Competitivo do Distrito Federal*, publicação lançada pelo Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae-DF) e pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai-DF), com o apoio das entidades empresariais e do governo local. Trata-se de um grande diagnóstico dos setores e cadeias produtivas do DF, com indicação dos problemas a serem solucionados para impulsionar a economia.

Para empresários e governantes, os motivos que transformam esses setores em boas apostas de investimentos são diversos. Vão desde as já bem-sucedidas experiências em andamento – com significativo aumento de receitas e volumes de negócios firmados em todo o Brasil e exterior por segmentos como o moveleiro, de confecção e da tecnologia da informação –, até pela ineficiência de outros em atender a demanda do público brasileiro.

É o caso da agricultura orgânica. Embora a procura por produtos livres de adubos e defensivos agrícolas venha aumentando, o setor ainda não está suficientemente organizado para aumentar a oferta e ampliar os pontos de exposição dessas mercadorias. "De todos os 16 segmentos apoiados pelo Pró-Rural (programa do governo do Distrito Federal de financiamento para pequenos e médios agricultores), esse é o menos tradicional e consolidado", reconhece o secretário chefe da Agência de Desenvolvimento Econômico e Comércio Exterior do Distrito Federal (Adecex), Rogério Schumann Rosso.

"Definitivamente, o pequeno número de produtores e mercadorias orgânicas disponíveis têm impedido o crescimento do setor no Distrito Federal", avalia o secretário de Desenvolvimento Econômico, Ciência e Tecnologia, Lindberg Cury. "Em relação a produtos e alimentos primários, o Distrito Federal ainda importa 80% do que consome. Precisamos de uma boa fábrica de macarrão, empresas que trabalhem com o beneficiamento de arroz, feijão, café, trigo"... , avalia.

Invertendo esse processo, continua Lindberg Cury, o DF poderá expandir as indústrias com potencial de crescimento. "De todas as cadeias produtivas com possibilidade de desenvolvimento, a moveleira, a de confecção e a de tecnologia da informação são as mais promissoras. São indústrias limpas, que trabalham com alta tecnologia e consolidadas a ponto de gerar muitos empregos e levar seus produtos para vários estados e outros países", justifica.

FORTALECER E EXPORTAR

Para o dirigente da Adecex, Rogério Rosso, se fosse possível equacionar o crescimento econômico do Distrito Federal, ele teria uma fórmula simples: organização dos setores produtivos locais, com apoio governamental; fortificação dos segmentos mais promissores; e, para aquelas empresas já razoavelmente organizadas, exportação. "É esse o resumo. É o que estamos consolidando, nos últimos cinco meses, na agência", afirma.

Criada neste ano pelo GDF, a entidade tem o objetivo de coordenar o planejamento e integrar ações de todas as secretarias de Estado ligadas ao desenvolvimento econômico, influenciando diretamente em áreas como turismo, agricultura, tecnologia, indústria, comércio e serviços. Também coordena o Conselho de Desenvolvimento Econômico do DF – órgão criado em 2003, que reúne governo, setores produtivos e trabalhadores.

"A idéia é discutir de forma unificada, com foco no mercado, o desenvolvimento do DF, que deve ser de alta sustentabi-

lidade da economia e com uma visão regional", comenta Rosso. "Não somos apenas o quadrilátero. Para se desenvolver de fato, o DF deve estar integrado ao Entorno, ao Centro-Oeste e ao Mercoeste (formado por todo o Centro-Oeste, mais Acre e Rondônia). Assim, em vez de competição, haveria complementação econômica entre o DF e os estados associados", completa.

De acordo com os ministérios do Desenvolvimento e da Integração Regional, a região central do país tem apresentado um dos maiores índices de desenvolvimento econômico brasileiro. Em reunião ocorrida na última quinta-feira em Cuiabá (MT), esses ministérios e membros do conselho do Fundo de Investimentos do Centro-Oeste (FCO) discutiram as novas diretrizes para o desenvolvimento regio-

"Não somos apenas o quadrilátero. Para se desenvolver de fato, o DF deve estar integrado ao Entorno, ao Centro-Oeste e ao Mercoeste. Assim, em vez de competição, haveria complementação econômica entre o DF e os estados associados"

Rogério Schumann Rosso
Secretário chefe da Agência de Desenvolvimento Econômico e Comércio Exterior do Distrito Federal (Adecex)

nal. "Devemos contar, muito em breve, com dois fundos de financiamento. O FCO deve ser direcionado para as pequenas microempresas. Para as grandes e médias, o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) está criando uma linha nova, nos moldes do FCO", revela Rogério Rosso.

O governo local, por sua vez, também abre novos incentivos. Empresas de logística, que pensam em como o DF pode transformar-se em pólo distribuidor de mercadorias para todo o país – devido a sua localização geográfica estratégica e interligação com todos os estados por rodovias, ferrovias e aeroportos –, já contam com linha específica de financiamento (o Pró-Logística).

Empresas de Manaus já contataram a Secretaria de Desenvolvimento Econômico, interessadas em grandes áreas do Pró-DF. Pretendem mandar produtos para serem montados e distribuídos do Distrito Federal para o resto do Brasil e do mundo. "O Distrito Federal reúne todas as condições necessárias para ser um pólo integrador do país. Por isso, já estamos pensando em criar um novo pólo de desenvolvimento econômico,

como o de Moda e o JK. Seria o Pólo de Logística", completa o chefe da agência de desenvolvimento.

ESQUEÇAM AS INDÚSTRIAS TRADICIONAIS

Apesar das boas perspectivas e incentivos às empresas e indústrias locais, há quem veja equívocos na política de desenvolvimento econômico praticada no Distrito Federal. É o caso do chefe do Departamento de Economia da Universidade de Brasília, professor Jorge Nogueira, que tem se dedicado ao tema nos últimos 18 anos. "Certas atividades não têm perfil para ser desenvolvidas aqui. Injetar recursos públicos nelas é jogar dinheiro fora", dispara.

Para ele, incentivar atividades agrícolas e agropecuárias na região é pura teimosia. "O custo é muito caro. Só justifica para atividade em grande escala, com maquinários pesados e produtos agrícolas, o que degradaria o meio ambiente", pondera. "Os recursos do Pró-Rural deveriam ser usados na criação de um cinturão agrícola na região do Entorno, em parceria com o governo de Goiás", completa. O especialista também descartaria investimentos em indústrias tradicionais, como de móveis e têxtil. "Hoje elas sobrevivem com os incentivos recebidos do governo. Sem financiamento, elas não se sustentam."

Então, qual seria a solução para o Distrito Federal? "Temos que nos concentrar no que somos bons e deixar o resto para o Entorno, diminuindo a pressão sobre o DF. Temos a melhor renda per capita do país, a maior concentração de mão-de-obra bem qualificada, graças à enorme concentração de centros de ensino e de pesquisa. Portanto, nosso desenvolvimento deve aproveitar os excelentes profissionais disponíveis", analisa o professor Jorge Nogueira. "O DF precisa, mais do que indústrias limpas, de indústrias inteligentes, de tecnologia da informação."

Nesse ponto, especialistas, empresários e governantes concordam. Eles calculam que empresas baseadas em alta tecnologia, com profissionais altamente qualificados, estariam consolidadas plenamente num prazo de 15 a 20 anos, mesmo quando cessassem os incentivos fiscais, tarifários e creditícios do poder público. "Isso geraria emprego em toda a cadeia produtiva, inclusive para aqueles menos qualificados. Afinal, duvido que seja o Bill Gates (dono da Microsoft) quem limpa o chão de sua empresa", conclui o chefe do Departamento de Economia da UnB.